

GUERRILHA LITERÁRIA: A voz dos excluídos na Internet

Luciano Rodrigues Lima

1 – Considerações preliminares

Neste artigo, discute-se, através de uma amostragem limitada e não-exaustiva, o espírito das “vanguardas” (ou pós-vanguardas)¹ contemporâneas e as atividades literárias de grupos considerados minoritários, denominados precariamente de *underground*, arte marginal ou arte periférica, a partir da década de setenta até os nossos dias, com ênfase na produção veiculada pela Internet. Este artigo tem a configuração de um noticiário e não investe na análise do conteúdo literário dos sites. Isto poderá ser matéria tratada em um artigo posterior.

Para uma compreensão mais aprofundada dessa literatura marginal (marginal aqui no sentido de estar à margem da grande mídia e do mercado editorial) é preciso que se tenha em mente o contexto de uma sociedade democrática (o termo democra-

1 Atualmente, a palavra vanguarda soa de modo diferente das vanguardas francesas do final do século XIX e início do XX. A arte e a literatura periféricas não mais se propõem a desbravar novos horizontes para a arte como um todo, ou como uma instituição única. A questão dos cânones é hoje contestada, ou ignorada, e busca-se a afirmação de uma arte que seja a expressão igualitária e irreverente das culturas subalternas. Não seria mais preciso combater a “grande arte”. Pode-se colocar a produção artística alternativa em circulação, utilizando-se circuitos e veículos próprios. A Internet é um dos principais meios para tal tipo de divulgação.

cia está empregado de maneira vaga, pois não há aqui espaço para se discutir política, econômica ou culturalmente as limitações e contradições dos regimes democráticos), dentro dos moldes dos países capitalistas ocidentais, no ambiente das grandes cidades, na era da comunicação eletrônica e do domínio da mídia financiada pelas grandes empresas multinacionais. Em termos culturais, esse tipo de sociedade parece já reconhecer que existem divergências e não mais se concebe um padrão único de língua, tradições, lazer, religião e arte. Esta sociedade não vive sob a égide de um consenso estético, mas sob o delicado regime da convivência entre as diferenças, em que tensões e rivalidades são normais.

Deve-se registrar ainda a questão da divisão do público consumidor e das leis de mercado livre, que garantem a existência de produtos e bens culturais em circulação, para cada público diferenciado (diferentes imigrantes de outros países, ou de outras regiões do mesmo país, as diversas classes sociais e faixas etárias, etnias, minorias religiosas ou por opções sexuais etc.).

Ironicamente, ao se focalizar em linguagem acadêmica tal produção artística e a atitude que a sustenta, produz-se um efeito de “canonização”, contrário, talvez, às pretensões alternativas (ou anárquicas) dessa poesia marginal (ou periférica), a qual propugna por sua desvinculação da literatura enquanto instituição, ou “grande arte”.

A “guerrilha literária” do título não se refere, certamente, à violência física ou à tática de destruição para-militar, inspirada por ideologias radicais, por parte dos grupos marginais. A “guerrilha” aí se aplica pela forma dissimulada de inoculação de uma outra estética, menos oficial, à margem do reconhecimento da grande mídia, e da indústria cultural. Esta tática é parte da representação de culturas alternativas, periféricas ou minoritárias, no contexto pluricultural das grandes metrópoles contemporâneas, herança e ricochete do estropiado processo de cinco séculos de colonização europeia nas Américas, Ásia e África.

Diferentemente das manifestações vanguardistas em Paris, no final do século XIX e início do século XX, um grande número dos manifestos atuais parte de Londres (mas não necessariamente elaborados por ingleses) e são escritos em inglês; os de então eram lançados em francês em jornais de grande circulação (como *Le Figaro*), ou em revistas e jornais de literatura e arte; estes são veiculados pela Internet, ou lidos em reuniões de pequenos grupos em apartamentos privados. Eventualmente, textos marginais (ou sobre eles) são publicados em revistas e jornais de grande circulação, nos cadernos de literatura (*supplements*), como *The Guardian*, *Melody Maker*, *Review of Books*, *New Musical Express*, *Performance Magazine*, *Observer*, *Village Voice*, de Londres, e o escocês *Glasgow Herald*.

Embora os manifestos atuais não mais consigam “chocar a burguesia”, eles são segregados e discriminados pela grande imprensa. Não se constituindo em notícia de grande público, passam quase despercebidos em veículos de comunicação, apenas utilizados por um público aficcionado e reduzido (mesmo quando veiculados em jornais ou revistas de grande circulação figuram em cadernos ou seções específicas). As discussões sobre estética, portanto, continuam sendo restritas a iniciados. Teorizar sobre arte é bem diferente de fazer arte. Não se pode teorizar intuitivamente. Ocorre que esses artistas não são, necessariamente, integrantes de uma elite intelectual ou social, como os “dandis” das vanguardas parisienses. Artistas pobres e desconhecidos, de diferentes etnias e nacionalidades, às vezes imigrantes (legais e ilegais) também integram atualmente esses movimentos, ou, às vezes, grupos. O termo contracultura, portanto, deve ser empregado com ressalvas para essas manifestações. O artista pode estar se insurgindo contra a cultura tradicional inglesa, mas estar sendo fiel à sua própria cultura de origem.

Em uma cidade como Londres, em que diversas rádios FM clandestinas estão no ar, sente-se a força de manifestações culturais tidas como “marginais” ligadas à poesia como o rap, hip-hop, break, jungle, reggae, dub, dark, punk etc. (Esta enumeração não é completa nem homogênea, englobando desde ritmos musicais até atitudes e comportamentos sociais). A associação da poesia à música é um fenômeno planetário, na era do rádio e da televisão. A canção popular, principalmente na era do rock’n’roll, tem abrigado propostas de poetas inovadores com suas letras, as quais, muitas vezes, são muito mais do que um pretexto para acompanhar a melodia, ou o arranjo, ou para a veiculação da voz humana.

Cidades brasileiras como Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador, dentre outras, apresentam manifestações artísticas e culturais autênticas, das comunidades periféricas. A periferia não mais espera a aprovação do centro para criar sua música, dança, bailes, pichações, rádios comunitárias. A comunidade negra, nesses centros, vem se organizando ao longo dos anos, apresentando um nível cada vez maior de conscientização estética e politização. São exemplos de manifestações autênticas das comunidades discriminadas as feiras e os forrós nordestinos no Rio e em São Paulo, as rádios comunitárias e bailes funk nos subúrbios e morros cariocas, as bandas de percussão e grupos de dança “afro”.

Em Salvador, a comunidade negra que, em sua maioria, reside em bairros periféricos, associa as manifestações estéticas ao processo de conscientização. É notável, historicamente, o papel dos blocos e associações carnavalescas como elementos promo-

tores da capacidade de organização, articulação com os demais segmentos sociais da cidade, da visibilidade e divulgação da cultura afro-baiana e consolidação da autoestima da população negra (e mestiça) enquanto etnia e cultura. O carnaval baiano, com suas características próprias, representa uma forma de resistência cultural, renovação artística (da música, das letras – e, por extensão, da poesia – da forma de interpretar, do modo de dançar, da performance do artista no palco, dos arranjos musicais, dos instrumentos musicais utilizados, de assimilação dos recursos eletrônicos e da sua adaptação às manifestações culturais locais, das vestes, enfim, dos costumes).

Este é o contexto sociocultural das manifestações artísticas marginais. A tecnologia mais sofisticada, então, será utilizada para a veiculação dessa arte que, assim como a guerrilha, utiliza-se das próprias armas do sistema para questioná-lo. A seguir, apresentamos e comentamos alguns sites e manifestos literários, com tradução nossa.

2 – Alguns sites alternativos

a) *The Crowned Anarchist Literature* (A literatura Anarquista Coroada)

Trata-se de um site de Londres, o qual apresenta links para 100 diretórios sobre literatura alternativa, na Inglaterra e em outros países como o Canadá, França, Estados Unidos e outras partes do Reino Unido. Poesia negra (*Black poetry*), peças de teatro, ficção científica, manifestos anarquistas, escritos sobre o 11 de setembro, informações sobre a vida cultural das minorias londrinas, vídeos, filmes, teorias científicas revolucionárias, novos escritores, autores de roteiros de cinema e *sitcoms*, (comédias de costumes) fazem parte do site. Trata-se de um site moderado, cuja intenção é apresentar as novas tendências em arte, sem ataques a qualquer tipo de expressão artística. Em inglês e francês, possui possibilidade de tradução e o seu endereço é “<http://www.crownedanarchist.com>”. A responsabilidade do conteúdo é da Associação de Escritores da Grã-bretanha, sendo assinado pelo escritor Roland Michel Tremblay. O site possui feição institucional.

b) *The Underground Poet* (O poeta *underground*)

O site tem o subtítulo “Somente o real e não o falso...” (*Only the real and not the fake...*). Possui caráter pessoal (embora haja um suporte de uma certa *Underground*

Poet's Society – Sociedade dos Poetas *Underground*) e o e-mail do responsável está disponível para contribuições e comentários. Poemas contra a guerra e contra o governo podem ser encontrados, além de ficção. A linguagem é coloquial, antiacadêmica. O endereço é “<http://undaground.hypermart.net>”. O site contém uma seção de música e alguns dos patronos estético-filosóficos são John Lennon e Jim Morrison.

c) *The Clerkenwell Literary Festival*

O site *The Clerkenwell Literary Festival* está, basicamente, ligado ao evento do mesmo nome, realizado em Cleveland, em 2000. Auto-intitulado como um site da contra-cultura, assim como o festival, tem como patronos David Bowie, Bryan Ferry e Irvine Welsh.

O conteúdo abrange notícias sobre o festival, o qual teve sua primeira edição em 1998, as reações da imprensa internacional, e fala dos planos para o futuro.

Atualmente, os organizadores estão pensando em reeditar o festival na Inglaterra, convidando nomes como Zadie Smith, Adam e Joe, Keith Allen, Nicholas Blincoe, Harland Miller, Mark Manning e outros.

Observa-se um certo aspecto comercial no site, apesar do rótulo de contracultura. Além disso, o festival tem como grande atrativo a música. A poesia entra como um componente secundário. Será esta uma tendência da poesia no futuro? Pela escolha dos patronos, pode-se deduzir que o festival possui um clima de liberalidade e tolerância em relação às minorias. O site também se anuncia como *underground* e de poesia decadente.

d) *PUG zine of the underground web*

Um dos sites alternativos e progressistas mais criativos é o *PUG zine of the underground web*, cujo endereço é “<http://www.pugzine.com/core.html>”. Trata-se de uma página com links, zine (abreviação de fanzine, significando um espaço ou uma revista em que os fãs se manifestam ou se comunicam com seus ídolos), ilustrações, entrevistas, histórias etc. Esteticamente apresenta-se um tanto agressivo e radical, com ilustrações mordazes, no estilo *underground* e paródias, como nas gravuras de Marcel Duchamp. Destaca-se uma longa entrevista com o artista Aes-Nihil sobre o niilismo estético, a qual não apresenta grande profundidade, mas possui um interessante conteúdo anárquico e um certo humor. Neste site, percebe-se o uso das palavras

com intenção estética, desde o menu inicial. Apesar de bem estruturado, o site não demonstra interesse comercial imediato e sim cultural.

Um tom irreverente, mas não irresponsável, pode ser captado em partes deste site, como a apresentação do artista plástico/escultor Baron Larvae, sobre o trabalho “Jesus Channels Lucy”. Trata-se de um trabalho de arte conceitual, dialogando com a religiosidade latina, de santos, nichos e procissões.

e) Alguns sites brasileiros

O que ficou da poesia marginal? Trata-se de uma site contendo uma retrospectiva da poesia marginal no Brasil, com algumas citações reproduzidas do artigo de Felipe Fortuna, publicado no *Jornal do Brasil*, em 07 de setembro de 1986.

No site citado, o leitor fica sabendo que o Brasil possui uma importante produção literária marginal, uma tradição que remonta aos anos 70, ou ainda antes. Durante os chamados “anos de chumbo” poetas e compositores como Torquato Neto (ligado ao Tropicalismo) e Ana Cristina César, que desapareceram ainda jovens, preconizavam uma espécie de fim de uma era ou, ao menos, de uma geração poética.

Nos anos 70, poetas como Chacal retomam procedimentos modernistas oswaldianos, e produzem uma poesia marginal que vai desaguar na força do poeta mais representativo dessa geração: Paulo Leminski. Outros poetas, como Cacaso, Charles, Roberto Piva, Antônio Carlos Sacchin, Moacyr Félix e Armando Freitas Filho produziram dispersamente, em diferentes cidades, sem feição de movimento. Esses poetas pertenciam a diversas tendências, desde o engajamento político até o anarquismo.

Dessa estética marginal também participaram poetas como Ferreira Gullar e compositores como Waly Salomão. Pesquisar com maior rigor essa poesia é tarefa ainda não realizada pelas universidades brasileiras. O endereço do site é: “<http://acd.ufrj.br/pacc/literária/oqueficou.html>”.

Conclusões (um tanto) provisórias

A pequena amostragem deste artigo procurou exemplificar as principais linhas de expressão da guerrilha literária no mundo da Internet. A rede mundial de computadores presta-se bem à veiculação dessas propostas alternativas de literatura, em suas

múltiplas formas de fusão transartísticas: poesia-música-teatro-pintura-escultura, tudo urdido pelos recursos tecnológicos da linguagem html. A Internet, por ser pouco protocolar e não estar submetida à censura prévia (a não ser quanto à infringência dos direitos autorais etc.) comporta a veiculação de qualquer tipo de literatura: ela é, assim, também “alternativa”.

Diversas posturas, intenções, atitudes estéticas são detectadas, ao mesmo tempo: sites realmente alternativos misturam-se a páginas que apenas se utilizam de uma estética progressista para se apresentar como tal. Sabe-se que nem tudo é confiável na Internet. Os sites, em si, são simulações, são espetáculos montados, virtuais. Os bastidores dos sites da Internet estão, às vezes, perigosamente omitidos. Pode-se estar lendo sites de intenções neonazistas, racistas, imperialistas, fundamentalistas, dissimulados com música ou literatura. Para se avaliar esse tipo de veiculação na Internet é preciso um conhecimento mais aprofundado sobre as questões ideológicas, históricas, culturais, políticas, raciais, morais, estéticas e religiosas do país de origem.

Os sites alternativos em questão são bem visitados. Isto pode ser constatado pelo registro eletrônico de visitantes que alguns deles possuem. Isto significa que o tipo de literatura de que trata este trabalho apresenta importante visibilidade junto ao público, principalmente entre os jovens. De certo modo, se se considerar a Internet como um tipo de comunidade, a poesia e a ficção marginais parecem estar em processo de consolidação do seu espaço na rede, com possibilidade de expansão. O baixo custo, a interatividade e o amplo alcance deste veículo se adequam bem ao perfil desta forma de literatura. Contudo, devido ao rápido processo de evolução na tecnologia de informação eletrônica, torna-se perigoso fazer previsões categóricas sobre o futuro da literatura “marginal” na Internet.

A veiculação de poesia, ficção, manifestos, entrevistas com autores e textos de natureza teórico-crítica pela Internet proporciona ganhos e potencializa o aspecto estético desses textos, pela produção de efeitos multissensoriais no receptor. Os recursos da linguagem html (*hypertext markup language*) de som, movimento e cores agrega valor estético aos textos e instaura *um novo tipo de linguagem*. Considerações teóricas sobre este novo tipo de linguagem deverão ser objeto de estudos, no futuro.

As diversas tendências estéticas exibidas na Internet demonstram a fragmentação e a dispersão das manifestações literárias do cenário pós-moderno. As contradições quanto ao próprio conceito de arte são flagrantes mas são apaziguadas pela sensação do provisório que caracteriza estes tempos.

Não se propõe mais uma arte para todos, mas uma arte para cada grupo, etnia, faixa etária, classe social, opção sexual, ideologia política, gênero, etc. Percebe-se uma forte influência da cultura do *rock'n'roll*, e suas subculturas, (reggae, punk, pós-punk, rap etc.) na produção poética alternativa, a partir dos anos 70. No Brasil, a poesia marginal, a partir dessa década, interagindo com diversas tendências da música popular brasileira, incluindo também a expressão da poesia negra, possui uma relevante produção, ainda pouco estudada.

O espírito da Internet adequa-se ao perfil das manifestações poéticas alternativas e lhes serve de veículo: o futuro da poesia está em tela. A Internet, assim como muito do pós-moderno, é virtual: aí tudo pode desaparecer, mas sempre ressurge. Fica sempre, inegavelmente, uma sensação do vazio, marca das categorias negativas que impregnam esta era.



REFERÊNCIAS

- COSTA, Viegas Fernandes da. *Poesia Marginal. Da margem do jornal à margem da rodovia*. <http://www.viegasdacosta.hpg.ig.com.br>
- HOME, Stewart. *Neoism, Plagiarism & Praxis*. London: AK Press, 1995.
- LEMINSKI, Paulo. *English Poems Tranlations*. <http://www.pauloleminski.hpg.ig.com.br>.
- NOVA PÁGINA 1. CACASO – Poesia Marginal. <http://www.memoriasdeumpoeta.com>
- PALANQUE MARGINAL. <http://www.palanquemarginal.com.br>
- POESIA CONTEMPORÂNEA. <http://geocities.veluhdias/poesiacontemporanea>
- SOARES, Paulo Marcondes Ferreira. *Poesia Marginal Urbana Recifense*. <http://www.propesq.ufpe.br>



LIMA, Luciano Rodrigues. Guerrilha literária: a voz dos excluídos na Internet. *Léngua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, v. 3, nº 2, 2004, p. 201-208.

Luciano Rodrigues Lima é Professor Adjunto da UNEB, Professor Adjunto da UFBA. Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia.